



Agroecologia, terra e identidade: reflexões a partir das místicas do MST

Agroecology, land and identity: an example from MST's mística

HAYATA, Bruno¹; NORONHA, Isabela²; FRAGA, Lais³

¹Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), brunohayata@gmail.com; ²Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), noronha13@gmail.com; ³Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) lais.fraga@fca.unicamp.br

Tema Gerador: Construção do conhecimento agroecológico

Resumo

Este trabalho tem como objetivo explorar a teoria agroecológica e seu potencial de refletir, ou mesmo de reconfigurar, a relação de identidade com a terra nos sujeitos políticos do campo. A relação com a terra é tomada aqui para além da relação com a natureza, mas, também, em seu sentido simbólico e afetivo, permitindo superar a noção produtivista engendrada pela Revolução Verde. A agroecologia, na medida em que se constitui tanto como um modelo de resistência e luta dos movimentos sociais, como um movimento científico-político interdisciplinar e trans-epistemológico de contraposição ao modelo hegemônico de agricultura-agronomia, desenvolve uma proposta de transformação social e uma perspectiva endógena de *resistir e existir* por meio do cultivo da terra. O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), como um dos importantes atores da agroecologia no Contexto brasileiro, parece valorizar a dimensão simbólica da terra, e isso pode ser visto a partir de suas místicas.

Palavras-chave: solos; natureza; teoria agroecológica.

Abstract

This work aims to explore agroecological theory and its potential to reflect, or even to reconfigure the relationship of identity with the land in the political subjects of the field. The relation with the land is taken here beyond the relationship with nature, but also in its symbolic and affective sense, allowing to overcome the productivist notion engendered by the Green Revolution. Agroecology, insofar as it constitutes both a model of resistance and struggle of social movements, as an interdisciplinary and trans-epistemological scientific-political movement in opposition to the hegemonic model of agriculture-agronomy, develops a proposal of social transformation and an endogenous perspective of resisting and existing by cultivating the soil. The Brazilian social rural movement MST, as one of the important actors of agroecology in the Brazilian context, seems to value the symbolic dimension of the land, and this can be seen from its *mística*.

Keywords: soil; nature; agroecology theory.

1.Introdução

De acordo com Mazalla Neto e Bergamasco (2017), a Revolução Verde desempenhou um papel crucial na transformação da agricultura, promovendo uma artificialização dos processos ecológicos por meio da mecanização, modificação genética e aplicação de insumos industrializados. As consequências sociais e ambientais foram intensas, marcadas pelo empobrecimento dos solos, contaminações, expropriação e concentração



de terras e êxodo rural. Para os autores, é necessário lembrar esse Contexto para pensar a relação de desvinculação dos sujeitos com a natureza e, posteriormente, sua gradativa recuperação pelos movimentos sociais rurais, em ressonância com a perspectiva agroecológica.

De maneira similar, o objetivo desenvolvido neste trabalho é explorar como os múltiplos olhares oferecidos pela agroecologia podem sustentar uma nova relação com a terra, aqui tomada para além da relação com a natureza, mas como objeto de identificação e identidade dos movimentos sociais na busca por um lugar para permanecer, existir e resistir. De acordo com Bellacasa (2015), o papel vital da terra no cultivo de alimentos possibilitou o desenvolvimento de conhecimentos de cuidado com o solo em economias baseadas em subsistência, enquanto nas economias capitalistas a relação de exploração e tentativas de modificação do solo têm levado os sistemas ecológicos à exaustão e, conseqüentemente, causado crises na produção de alimentos. A autora acrescenta que a maneira com que se cuida do solo está relacionada com uma ontologia da relação solo - seres humanos: da maneira como o solo é interpretado derivam as formas de manejo, e vice-versa.

O problema reside na diferença de se interpretar a terra (ou o solo) como propõe a ciência - elemento que pode ser modificado, controlado e explorado em um ritmo ditado pelas demandas do produtivismo e do mercado; ou, alternativamente, como um elemento fundamental dos ciclos ecológicos, em relação de interdependência com a qualidade das águas, a biodiversidade, a capacidade de produzir ou extrair alimentos e, conseqüentemente, com a sobrevivência das comunidades humanas.

A agroecologia é então evocada por oferecer reflexões amplas que abarcam diversas possibilidades de interpretação. Nossa hipótese é a de que a agroecologia, ao valorizar os saberes tradicionais e estimular a identificação do trabalhador rural com a terra, de forma não produtivista, possibilita diferentes formas de existência/resistência diante do modelo homogeneizador preconizado pela Revolução Verde. As místicas do MST representam, aqui, uma das possibilidades de valorização da dimensão simbólica e afetiva na construção dessa resistência.

2. Metodologia: articulando as teorias

A reflexão proposta surgiu de um esforço conjunto de buscar as intersecções entre dois projetos de pesquisa construídos no Contexto de um programa de mestrado interdisciplinar, motivados pela proximidade dos temas abordados: a agroecologia, a história de luta por acesso à terra dos movimentos sociais, e a mística do MST. Foram portanto considerados os aportes teóricos dos pesquisadores e as respectivas



pesquisas em andamento, mas articulados para pensar as perguntas que permeiam os trabalhos. Assim, a problematização da relação com a terra, enquanto elemento identitário das trabalhadoras e trabalhadores rurais, se dá, nesta pesquisa, a partir da revisão bibliográfica acerca da agroecologia, em sua multiplicidade (epistemológica, prática e cultural), que fornece um olhar para os problemas ambientais e sociais do mundo rural ao mesmo tempo em que oferece uma potência de mudança. Como um recorte explicativo, abordamos a questão das místicas do MST e sua forte proposição da identidade pela terra.

3. Resultados e discussão

A agroecologia, enquanto campo do conhecimento, se propõe a respeitar a diversidade ecológica e sociocultural, aproximando os saberes históricos dos agricultores com o conhecimento científico, em uma abordagem que se afasta do paradigma convencional e cartesiano (CAPORAL, 2009). Ainda, de acordo com o sociólogo Sevilla-Guzmán (2001), a agroecologia seria uma ciência que se propõe a pensar o desenvolvimento rural sustentável levando em consideração as soluções encontradas pelos próprios atores locais, e suas formas particulares de interação com os diferentes agroecossistemas, resistindo ao “progresso” e à “agressão sociocultural” da ciência moderna e da Revolução Verde.

O modelo de desenvolvimento da Revolução Verde a que a agroecologia se opõe é herança de uma racionalidade científica cujas premissas são, por exemplo, o reducionismo e a objetividade. O reducionismo baseia-se na homogeneização e controle dos processos, entendendo os sistemas como compostos por componentes básicos, separáveis e independentes, que se relacionam apenas de forma mecânica - o que garante a separabilidade e a manipulação (SHIVA, 1988). Essa racionalidade informa o tipo de relação desenvolvida pela sociedade com a natureza, opondo-se às metáforas orgânicas que trazem princípios como a interconexão e reciprocidade dos processos ecológicos. Maria Puig de la Bellacasa (2015) acrescenta que dessa forma de pensar, relacionada com um paradigma moderno, também deriva a noção de que o futuro está associado linearmente com o progresso e o ‘avanço’ tecnológico, o que justificaria a constante busca por maior produtividade como único valor na agricultura.

Visto de outra perspectiva, o desenvolvimento rural adquire, aqui, um sentido diferente, significando a “[...] potencialização dos elementos de resistência locais frente ao processo de modernização, para, através deles, desenhar, de forma participativa, estratégias de desenvolvimento definidas a partir da própria identidade local do etnoecos-



sistema concreto em que se inserem.” (GUZMÁN, 2001, p.36). A oposição ao modelo hegemônico imposto de produção de alimentos é baseada em uma racionalidade de reprodução da vida camponesa, simbólica e materialmente, tomada em sua totalidade:

A agroecologia como luta ecológica se forja na necessidade Material de autonomia e soberania camponesa sobre o acesso e controle dos recursos naturais, como exigência de uma forma de fazer agricultura ligada a reprodução direta da vida [...] (MAZALLA NETO e BERGAMASCO, 2017, p.218)

A formação da identidade do trabalhador rural, portanto, precisa ser pensada para além de suas técnicas de produção “alternativas”: “[...] a agroecologia quer atuar na reconstrução das identidades que levam a uma consciência identitária e à participação coletiva, não podendo ser entendida somente como uma agricultura ‘que não utiliza agrotóxicos ou fertilizantes químicos de síntese em seu processo produtivo.’” (BAUER, M.; MESQUITA, Z., 2008, p.25). No caso dos trabalhadores envolvidos com lutas por acesso à terra, Maria Stela Borges (1997) acrescenta que a análise de identidade deve ser feita em sua totalidade de sujeito individual e coletivo, “capaz de tornar efetivo um movimento de luta através do qual pretende transformar-se e transformar a própria sociedade” (p. 25), evidenciando na terra a centralidade de sua teia de relações.

Na terra onde se desterro a natureza e a cultura; neste território colonizado pelo mercado e pela tecnologia, a Agroecologia rememora os tempos em que o solo era suporte da vida e dos sentidos da existência, onde a terra era torrão e o cultivo era cultura; onde cada parcela tinha a singularidade que não só lhe outorgava uma localização geográfica e suas condições geofísicas e ecológicas, senão onde se assentavam identidades, onde os saberes se convertiam em habilidades e práticas para lavrar a terra e colher seus frutos. [...] (LEFF, 2002, p.37)

A mística e a terra

A relação do MST com a agroecologia vem se fortalecendo nos últimos anos. Conforme Borsatto e Carmo (2013), os modelos de produção cooperativistas adotados pelo MST no início da década de 1990 não teriam sido exitosos na maioria dos casos. Porém, ao longo dos anos 2000, aproximando-se das demandas ambientalistas, e também de outros movimentos como a Via Campesina, o MST passa a utilizar a agroecologia como um dos principais elementos de seu discurso. Mazalla Neto e Bergamasco (2017) explicitam que a incorporação da pauta ecológica nos movimentos sociais ganha força e visibilidade por expor as consequências do modelo destrutivo da produção capitalista, contrapondo uma relação direta e cotidiana com a natureza pelas comunidades rurais:



A natureza, como parte essencial da vida, na experiência agroecológica se faz presente diretamente no universo camponês e constrói significados culturais como representações simbólicas “refrescadas”, afetividade, respeito e cuidado [...] estabelece uma relação de interdependência, pois da natureza obtém o elemento, o sustento da família e a morada. (MAZALLA NETO e BERGAMASCO, 2017, p.218)

A questão da identidade do Sem Terra parece, portanto, se fortalecer ao encontrar apoio na agroecologia, que, conforme Sevilla-Guzmán (2001) deve olhar para as soluções construídas *endogenamente*, ou seja, a partir da própria experiência do agricultor. Essa experiência, contudo, vai muito além de suas técnicas. A dimensão simbólica, que sustenta a identidade do Sem Terra, também é uma forma de resistência e pode ser encontrada na manifestação de suas místicas.

Desde o surgimento do movimento, as místicas representavam um momento de organização política e de exortação da fé do camponês, onde, por meio de cânticos e encenações teatrais, se manifestavam as crenças, os valores e o compromisso com a comunidade: “[...] A mística é exatamente a capacidade de produzir significados para dimensões da realidade que estão e não estão presentes, e que geralmente remetem as pessoas ao futuro, à utopia do que ainda não é, mas que pode vir a ser [...]” (CALDART *apud* NUNES, 2014, p.35)

Hoje, entretanto, a mística não deve ser compreendida apenas como instrumento político da militância do MST, mas como elemento cultural fortemente enraizado na sua tradição, e que mantém viva a afetividade na luta pela terra, como observado nas investigações de Bogo (2003), que aponta a capacidade do camponês em transformar os objetos de seu cotidiano em símbolos: “[...] Assim a enxada lá em sua roça era um instrumento de trabalho; ali no encontro transformava-se em símbolo da vontade de carpir todos os males do mundo, para fazer a grande roça da igualdade social.” (p.310)

Portanto, ao potencializar a capacidade do trabalhador rural em transformar o seu cotidiano em símbolos, que lhe asseguram o pertencimento à sua comunidade, a mística possibilita inferir que (I) a terra, sendo o elemento máximo da “ruralidade”, seja indispensável para a construção simbólica da identidade no campo, e do militante do MST em específico. E, por fim, a agroecologia, ao valorizar a cultura local, possibilita (II) a construção de uma identidade ligada à terra que abarca também a dimensão afetiva, tão bem ilustrada pelas místicas do MST.



Conclusões

A presente pesquisa possibilitou explorar a terra em sua dimensão simbólica e afetiva para as trabalhadoras e trabalhadores da terra. Mais do que fator produtivo, como a Revolução Verde propõe, a terra é, para as culturas tradicionais que dela dependem, sinônimo de vida, e, no caso daqueles que não a possuem, representa um futuro a ser conquistado, renovando o sentido de pertencimento, que a agroindústria moderna nega aos agricultores.

Por meio das místicas se constrói um mundo afetivo que desafia a racionalidade científica que avança até mesmo para dentro do próprio movimento. A resistência ao domínio do progresso agroindustrial também se faz a partir do afeto, como lembra Frei Beto (*apud* Bogo, 2003, p.13), que aponta que, embora seja um movimento laico, o MST não se “contaminou” pelo racionalismo que marca a esquerda brasileira, o que permitiu manter a conexão humano-natureza, avivando um significado profundamente ético em relação à terra.

A construção da identidade do sujeito agroecológico se deve em partes à confluência entre as diferentes dimensões da agroecologia - científica, política, mística e pedagógica - sendo que a própria continuidade que descreve essa condição trans-epistemológica da agroecologia é insumo das práticas cotidianas dos grupos que implementam a agroecologia em sua dimensão de sistema produtivo. Por conter, em sua dimensão política, a proposta de mudança social, a agroecologia altera o estatuto da terra de objeto de manejo para objeto de confluência de ações políticas e culturais, diluindo as fronteiras de suas diversas dimensões, e proporcionando a possibilidade de uma identificação coletiva tendo a terra como elemento central em uma bandeira de luta e resistência.

Assim, pensar a agroecologia não apenas como um campo científico, mas também como movimento de resistência cultural, significa olhar para as diversas identidades que se constroem no Contexto da luta pelo direito de viver *na* e *pela* terra de acordo com princípios que não aqueles mediados unicamente pela lógica de mercado da sociedade industrial moderna. Essas reflexões apontam para a complexidade inerente ao tema da identidade na agroecologia o que requer uma perspectiva interdisciplinar para compreensão de sua multiplicidade.



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF E ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 5

Construção do Conhecimento Agroecológico



Referências Bibliográficas

BAUER, Márcio; MESQUITA, Zilé. **Organizações sociais e agroecologia: construção de identidades e transformações sociais.** Rev. adm. empres. vol.48 no.3 São Paulo July/Sept. 2008.

BOGO, Ademar. **Arquitetos dos sonhos.** São Paulo: Expressão Popular, 2003.

BORGES, Maria S. L. L. **Terra: ponto de partida, ponto do chegada - Identidade e luta pela terra.** São Paulo: Editora Anita Garibaldi, 1997.

BORSATTO, Ricardo. CARMO, Maristela do. **A construção do discurso agroecológico no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.** RESR, v.51, n.4, Piracicaba, out/dez 2013.

CAPORAL, Francisco R. **Agroecologia: uma nova ciência para apoiar a transição a agriculturas mais sustentáveis.** In: CAPORAL, Francisco R. (Org.) Agroecologia: uma ciência do campo da complexidade. Brasília: Dos Autores, 2009.

LEFF, Enrique. **Agroecologia e saber ambiental.** Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável. v.3, n.1, Porto Alegre, jan/mar 2002.

MAZALLA NETO, Wilon; BERGAMASCO, Sonia M. P. **A experiência agroecológica e o fortalecimento da racionalidade camponesa na relação com a natureza.** In: DELGADO, G. M; BERGAMASCO, S. P. (orgs). Agricultura familiar brasileira: desafios e perspectivas de futuro. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2017.

NUNES, Márcia V. **Teologia da libertação, mística e MST: o papel da comunicação grupal libertadora na organização política do movimento.** Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014.

PUIG DE LA BELLACASA, Maria. Making time for soil: Technoscientific futurity and the pace of care. Social Science Studies, V.45, n. 5, p. 691-716, 2015.

SEVILLA-GUZMÁN, Eduardo. **Uma estratégia de sustentabilidade a partir da Agroecologia.** Tradução: Francisco Roberto Caporal. Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável, Porto Alegre, V.2, n.1, Jan/Mar. 2001.

SHIVA, Vandana. Staying alive: **Women, ecology, and survival in India.** New Delhi: Kali for Women, 1988.